



Dulce Maria Cardoso
O retorno

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXII

Aos desterrados
Ao Luís, o meu chão

© 2011, Dulce Maria Cardoso
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *O Retorno*
Autora: Dulce Maria Cardoso
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

Edição de bolso
1.ª edição: Março de 2012
1.ª reimpressão: Abril de 2012
ISBN 978-989-671-116-0
Depósito Legal n.º 341635/12

Mas na metrópole há cerejas. Cerejas grandes e luzidas que as raparigas põem nas orelhas a fazer de brincos. Raparigas bonitas como só as da metrópole podem ser. As raparigas daqui não sabem como são as cerejas, dizem que são como as pitangas. Ainda que sejam, nunca as vi com brincos de pitangas a rirem-se umas com as outras como as raparigas da metrópole fazem nas fotografias.

A mãe insiste para que o pai se sirva da carne assada. A comida vai estragar-se, diz, este calor dá cabo de tudo, umas horas e a carne começa a esverdear, se a ponho na geleira fica seca como uma sola. A mãe fala como se hoje à noite não fôssemos apanhar o avião para a metrópole, como se amanhã pudéssemos comer as sobras da carne assada dentro do pão, no intervalo grande do liceu. Deixa-me, mulher. Ao afastar a travessa o pai derruba a cesta do pão. A mãe endireita-a e ajeita as côdeas com o mesmo cuidado com que todas as manhãs ordena os comprimidos antes de os tomar. O pai não era assim antes de isto ter começado. Isto são os tiros que se ouvem no bairro acima do nosso. E as nossas quatro malas por fechar na sala.

Ficamos num silêncio tão cerimonioso que o barulho da ventoinha surge anormalmente alto. A mãe pega na travessa da carne e serve-se com os gestos contidos que costumava usar com as visitas. Quando pousa a travessa na mesa demora a mão sobre a toalha das dalias. Agora já não há ninguém para visitar-nos mas mesmo antes de isto ter começado era raro termos visitas. A minha irmã diz, ainda me lembro do dia em que aquele galo, o galo de louça que está na bancada de pedra mármore, caiu ao chão e lascou a crista. Insistimos em pormenores insignificantes porque já começámos a esquecer-nos. E ainda nem saímos de casa. O avião é um bocadinho antes da meia-noite mas temos de ir mais cedo. O tio Zé vai levar-nos ao aeroporto. O pai vai lá ter depois. Depois de matar a Pirata e de deitar fogo à casa e aos camiões. Não acredito que o pai mate a Pirata. Também não acredito que o pai deite fogo à casa e aos camiões. Acho que diz isso para não pensarmos que eles se ficam a rir. Eles são os pretos. No entanto, o pai comprou bidões de gasolina que estão guardados no anexo. Talvez seja mesmo verdade, talvez o pai consiga matar a Pirata e queimar tudo. A Pirata podia ficar com o tio Zé que não se vai embora porque quer ajudar os pretos a formar uma nação. O pai ri-se sempre que o tio Zé fala na grandiosa nação que se erguerá pela vontade de um povo oprimido durante cinco séculos. Mesmo que o tio Zé promettesse que tomava conta da Pirata não servia de nada, o pai acha que a única coisa que o tio Zé sabe fazer é desonrar a família. E é capaz de ter razão.

Apesar de ser o último dia que passamos aqui, nada parece assim tão diferente. Almoçamos sentados à mesa da cozinha, a comida da mãe continua a não ser saborosa, temos calor e a humidade do caçimbo faz-nos transpirar. A única diferença é que estamos mais calados. Dantes falávamos do trabalho do pai, da escola, dos vizinhos, do aspirador que a mãe cobiçava nas revistas, do ar condicionado que o pai tinha prometido, do Babyliiss que havia de alisar os caracóis da minha irmã, de uma bicicleta nova para mim. O pai prometia tudo para o ano que vem e quase nunca cumpria. Sabíamos disso mas ficávamos felizes com as promessas do pai, acho que nos bastava a ideia de que o futuro seria melhor. Antes de os tiros terem começado o futuro seria sempre melhor. Agora já não é assim e por isso já não temos assuntos para falar. Nem planos. O pai já não vai trabalhar, já não há escola e os vizinhos já se foram todos embora. Não haverá ar condicionado, nem aspirador, nem Babyliiss, nem bicicleta nova. Nem casa sequer. Estamos calados a maior parte do tempo. A nossa ida para a metrópole é um assunto ainda mais difícil do que a doença da mãe. Também nunca falamos da doença da mãe. Quando muito referimos o saco de medicamentos que está em cima da bancada da cozinha. Se um de nós está a preparar qualquer coisa perto, dizemos, cuidado com os medicamentos. Como acontece com os tiros. Se um de nós vai à janela, cuidado com os tiros. Mas calamo-nos de seguida. A doença da mãe e esta guerra que nos faz ir para a metrópole são assuntos parecidos pelo silêncio que causam.

O pai tosse ao acender mais um cigarro. Tem os dentes amarelos e a casa cheira a tabaco mesmo quando o pai não está. Sempre o vi a fumar AC. O Gegé, quando chegou das férias da metrópole, disse que lá não havia AC. Se for verdade, não sei como o pai vai fazer. Tenho a certeza que é a última das preocupações que o pai tem agora e nem sei para que me ponho a pensar nisso, por que perco tempo com coisas que não têm interesse algum quando tenho tantas coisas importantes em que devia pensar. Mas não consigo mandar naquilo em que penso. Talvez a minha cabeça não seja muito diferente da cabeça fraca da mãe que está sempre a perder-se nas conversas. De vez em quando a mãe pede ao pai para fumar menos mas o pai não a leva a sério, sabe que passado um tempo a mãe esquece-se do pedido como se esquece de quase tudo. As vizinhas zangavam-se com os esquecimentos da mãe, se a D. Glória não fosse como é tínhamos de levar-lhe a mal certas coisas. Mas a mãe é como é e as vizinhas não podiam levar-lhe a mal tudo o que queriam, ainda que não lhes faltasse vontade. Mas não eram só os esquecimentos. As vizinhas também achavam que a mãe não sabia tomar conta de mim e da minha irmã, se nos viam a brincar nos charcos da chuva ou a correr atrás do carro da TIFA, coitadas daquelas crianças que crescem sem eira nem beira. Os pretos corriam atrás do carro, abriam a boca para engolir a névoa que matava o paludismo, mas os brancos não, as vizinhas sabiam que aquele fumo fazia mal e proibiam os filhos como os proibiam de chapinhar na água da chuva por causa da filária. D. Glória, os pretos têm outra constituição e

não há neste inferno nada que lhes faça mal, temos de ter cuidado com os nossos, avisavam as vizinhas.

A culpada de a mãe ser assim é esta terra. Sempre houve duas terras para a mãe, esta que a adoeceu e a metrópole, onde tudo é diferente e onde a mãe também era diferente. O pai nunca fala da metrópole, a mãe tem duas terras mas o pai não. Um homem pertence ao sítio que lhe dá de comer a não ser que tenha um coração ingrato, era assim que o pai respondia quando lhe perguntavam se tinha saudades da metrópole. Um homem tem de seguir o trabalho como o carro segue os bois. E ter um coração agradecido. O pai só estudou até à segunda classe mas não há nada que não saiba sobre o livro da vida que, segundo o pai, é o que mais ensina. O Lee e o Gegé gozavam quando o pai se punha a falar do livro da vida e eu tinha de fazer um esforço para não ter vergonha. Deve estar no sangue dos pais fazerem e dizerem coisas que envergonham os filhos. Ou no sangue dos filhos sentirem vergonha dos pais.

Já se foram todos embora. Os meus amigos, os vizinhos, os professores, os donos das lojas, o mecânico, o barbeiro, o padre, todos. Nós também já não devíamos cá estar. A minha irmã acusa o pai de não se importar com o que nos possa acontecer e por vontade da mãe teríamos ido embora há muito tempo, ainda antes do Sr. Manuel. Não acredito que o pai não se importe connosco apesar de não perceber por que ainda não nos fomos embora quando pode acontecer-nos uma coisa má a qualquer momento. Os soldados portugueses já quase não passam por aqui e os poucos que vemos têm os cabelos compridos e as fardas

desleixadas, os botões das camisas desapertados e os atacadores das botas por atar. Derrapam os jipes nas curvas e bebem Cucas como se estivessem de férias. Para o pai os soldados portugueses são uns traidores reles mas para o tio Zé são heróis antifascistas e anticolonialistas. Se a mãe e a minha irmã não estão presentes o pai diz ao tio Zé, em vez de antifascistas e anticolonialistas era bom que os soldados portugueses fossem antiputas, anticerveja e antiliamba, e começa mais uma discussão entre os dois.

Depois do que lhe aconteceu não sei como o tio Zé continua a defender os soldados portugueses. Se calhar na cabeça do tio Zé as coisas passaram-se de outra maneira, as cabeças mudam facilmente o que acontece mesmo quando não são fracas como a da mãe. Ainda esta manhã, na minha cabeça, este dia deixou de ser este dia. A mãe estava a fazer o arroz-doce e, por instantes, este dia transformou-se num dos domingos de antes, num dos domingos de quando ainda não havia tiros. O cheiro do arroz a cozer, a persiana da cozinha entreaberta, as bolinhas de sol nos azulejos verdes, o zunido das moscas contra a rede fina da janela, a Pirata a abanar a cauda à espera de lambar a tampa da panela, tudo tal e qual como numa das manhãs de domingo. A minha irmã acha uma porcaria a Pirata lambar as tampas das panelas, ai que nojo. Faz as mesmas caretas quando tenho as mãos sujas com o óleo da bicicleta mas não se incomoda com a papa de abacate e azeite que põe no cabelo para alisar os caracóis, uma papa verde nojenta que a faz parecer uma marciana. Não sei se algum dia serei capaz de compreender as raparigas.

A mãe verteu o arroz-doce para as taças de vidro cor-de-rosa e quis escrever as iniciais dos nossos nomes a canela mas a mão tremia-lhe. Culpou os comprimidos e tentou outra vez, a canela entre o polegar e o indicador às voltas com as nossas iniciais mal feitas e nem nisso houve diferença, as nossas iniciais também nunca ficavam bem desenhadas nas manhãs de domingos em que vínhamos da praia e tomávamos banho de mangueira ao pé do tanque. A Pirata a patinhar na água que ia escorrendo para os canteiros, as toalhas da praia penduradas no sape-sape, a mãe a gritar da cozinha, cuidado com os meus canteiros, olhem que o sal mata as rosas. A mãe não gosta de sol nem de sal. Gosta de rosas. Os canteiros da mãe têm rosas de todas as cores que a mãe nunca corta, conseguia lá cortar uma rosa, as vizinhas não ligavam ao que a mãe dizia mas abanavam a cabeça, a D. Glória tem cada mania, que mal há em cortar flores, ficam tão bonitas numa jarra. Que o sal não mate as rosas, pedia a mãe, mas por mais que lavássemos tudo o melhor que podíamos havia sempre pontinhos pequeninos a brilhar nos canteiros. O sal acabava sempre por matar algumas rosas.

A mãe lambeu a canela dos dedos como se fosse uma coisa boa e foi à mala do enxoval, que está na salinha da costura, buscar uma toalha para pôr na mesa. A manhã continuava igual às manhãs de domingo. Tão igual que me deu vontade de ir para o quintal fumar um cigarro às escondidas. De certeza que estava tudo como dantes e nos outros quintais os vizinhos faziam churrascos pincelando a carne com uma folha de couve molhada em azeite e os filhos dos vizinhos

balouçavam-se nos pneus pendurados por cordas às árvores a comer os baleizões de gelo que tinham feito. Mas a mãe regressou com a toalha das dalias e começou a chorar outra vez, nunca mais verei o meu enxoval, nunca mais verei esta toalha. E a manhã voltou a ser a nossa última manhã aqui, os quintais ficaram vazios, os fogareiros cheios de chuva antiga, os pneus quietos nas árvores como se fossem olhos parados no ar a fazerem-nos perguntas. A nossa última manhã. Tão silenciosa apesar dos tiros. Nem os tiros conseguem desfazer o silêncio da nossa partida, amanhã já não estamos aqui. Ainda que gostemos de nos enganar dizendo que voltamos em breve, sabemos que nunca mais estaremos aqui. Angola acabou. A nossa Angola acabou.

A Pirata levanta a cabeça e torna a deitá-la sobre o meu pé. A mancha preta no olho direito é a única mancha no pêlo branco, curto e eriçado. A Pirata recebe-nos sempre aos pulos, como fazem todos os cães, e tem as orelhas dobradas, como se alguém as tivesse vincado com força. O pai pousa o isqueiro sobre as dalias da toalha, é um Ronson Varaflame, comprámo-lo na ourivesaria do Sr. Maia para lho dar quando fez quarenta e nove anos. O Sr. Maia também deve estar na metrópole. O pai sabe que fumo mas nunca fumei à frente dele, tem de se manter o respeito, quando fizeres dezoito anos logo se vê. Não gosto assim tanto de fumar mas as raparigas gostam mais dos rapazes que fumam. As raparigas ainda gostam mais de rapazes com mota mas o pai nunca me dará uma mota, tenho que te pôr juízo nessa cabeça,

vê como uma mota me deixou esta canela. A cicatriz é feia de se ver, a pele toda arrepanhada em volta do osso, mas não me faz mudar de ideia, a primeira coisa que vou comprar quando ganhar dinheiro é uma mota. As raparigas da metrópole também devem gostar mais de rapazes com mota, as raparigas são parecidas em todo o lado, pelo menos nestas coisas.

Vou dar o resto da carne à Pirata, diz a mãe, como se a Pirata não comesse os nossos restos todos os dias. A minha irmã tira o elástico que prende o cabelo num rabo-de-cavalo e enfia-o no pulso, pelo menos a Pirata não se pode queixar de a carne estar insossa, diz a minha irmã a apanhar o cabelo, os gestos treinados, o elástico a sair do pulso para uma mão aberta no ar, duas voltas no cabelo, a minha irmã nunca consegue apanhar os caracóis mais pequeninos, a fiada de caracóis rente à pele morena do pescoço, caracóis louros, até são bonitos mas a minha irmã detesta-os, cabelo de preta, os miúdos do bairro diziam-lhe isso para a irritarem, as pretas não têm o cabelo louro, as raparigas levam tudo a sério, até parece que gostam de se ofender.

Maria de Lurdes pede desculpa à tua mãe, ordena o pai. O motor da ventoinha prende-se numa chiadeira, o pai dá-lhe um abanão e as pás verde-esmeralda retomam o barulho habitual. Maria de Lurdes pede desculpa à tua mãe, quando o pai se zanga a minha irmã é Maria de Lurdes mas no resto do tempo é Milucha. Pelo menos a miúda comeu um bocadinho, a mãe defende-nos quase sempre. O pai zanga-se, como é que posso educá-los se ficas sempre do lado deles, bate com o punho fechado na mesa,

Dulce Maria Cardoso publicou em 2001 o seu romance de estreia, *Campo de Sangue*, Grande Prémio Acontece, escrito na sequência de uma bolsa de criação literária do Ministério da Cultura. Desde então publicou os romances *Os Meus Sentimentos* (2005), prémio da União Europeia para a Literatura, e *O Chão dos Pardais* (2009), prémio Pen Club. A antologia de contos *Até Nós* foi publicada em 2008.

A sua obra está publicada numa dezena de países e é estudada em diversas universidades. Estão em curso propostas de adaptação cinematográfica de alguns dos seus contos e romances.

o retorno

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso pela
Guide, Artes Gráficas Lda,
sobre papel Coral Book de 80
gramas, em Abril de 2012.